

A CATEGORIA NA ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA: SOBRE MÉTODO E SISTEMA EM DIREÇÃO À ABERTURA INTERPRETATIVA

CATEGORY IN TEXTUAL DISCURSIVE ANALYSIS: ABOUT METHOD AND SYSTEM ON THE WAY TO INTERPRETATIVE OPENNESS

Robson Simplicio de Sousa¹

Maria do Carmo Galiuzzi²

Resumo: Apresentamos como se mostra categoria na Análise Textual Discursiva. A análise textual discursiva do texto de Moraes e Galiuzzi (2007) resultou em cinco categorias. Neste metatexto de uma delas, apresentamos marcas do início da ATD: aproximação da Análise de Conteúdo (AC) e das pesquisas naturalística e fenomenológica. Vincula-se categoria na ATD a método, em procedimentos entre *a priori* e emergente. A produção de sistema categorial está na dialética entre objetividade e auto-organização, empiria e teorização. A ATD começa aproxima do método científico da AC e leva à elaboração de um sistema, mais aberto, mesmo na limitação categorial. Esta abertura está na produção do metatexto: o pesquisador diz sobre o mundo com elementos categoriais que alcançou organizar movimentos descritivos-interpretativos complexos.

Palavras-chave: Análise Textual Discursiva; Categoria; Categorização; Método; Sistema categorial.

Abstract: We present category in Discursive Textual Analysis. The discursive textual analysis in Moraes e Galiuzzi (2007) resulted in five categories. In this metatext of one of them we present marks of the beginning of DTA: approximation to Content Analysis (CA), naturalistic and phenomenological researches. Category in DTA is linked to method, in procedures between *a priori* and emergent. Production of categorial system lies in a dialectic between objectivity and self-organization, empirical and theorizing. DTA starts closer to scientific method of CA and leads to elaboration of a more open system, even with categorial limitation. Methodological openness is in produce metatext, through which researcher says about the world with categorial elements he/she has managed to organize in complex descriptive-interpretative movements.

Keywords: Textual Discursive Analysis; Category; Categorization; Method; Categorial system.

*Palavras têm espessuras várias: vou-lhes ao nu, ao fósfil, ao ouro que trazem da boca do chão.
(Manoel de Barros, O Guardador de Águas, 1989)*

1 Introdução

Em estudos anteriores, na busca de ampliarmos compreensões acerca da Análise

¹Doutor em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Professor Adjunto da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Iturama, MG, Brasil. E-mail: robsonsimplicio@hotmail.com

²Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora Titular da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Rio Grande, RS, Brasil. E-mail: mcgaliuzzi@gmail.com

Textual Discursiva (ATD) de Moraes e Galiazzi (2007, 2016), mostraram-se, como fenômenos de estudos a descrição e a interpretação em teses em Educação em Ciências (SOUSA; GALIAZZI; SCHMIDT, 2016) e a influência da perspectiva da hermenêutica filosófica nesta metodologia de análise (SOUSA; GALIAZZI, no prelo). Ao compreendermos mais acerca da ATD, aprendemos a prestar atenção às palavras para dizer sobre a metodologia de análise e, assim, sobre o próprio fenômeno a descrever e interpretar. A partir desta escuta fenomenológica das palavras que nos constituem, os caminhos investigativos hermenêuticos mostram necessidades emergentes de compreensão.

Com este entendimento da ATD, emergiu como uma necessidade interpretativa o alargamento da compreensão acerca do fenômeno “categoria” (MORAES, 1991), expressa na pergunta fenomenológica “O que é isto: a categoria na Análise Textual Discursiva?”. Apresentamos neste texto a compreensão alcançada a partir da própria metodologia de análise. Pretendemos, a partir da ATD, compreender suas estruturas categoriais e seus significados enquanto reivindicação metodológica. Inicialmente identificamos as ocorrências da palavra categoria na obra Análise Textual Discursiva (MORAES; GALIAZZI, 2007). Com a identificação dessas ocorrências, atribuímos unidades de significado (MORAES, 1991) e, a partir disso, títulos a cada uma dessas unidades, em um exercício de síntese e abstração. Neste primeiro movimento analítico, os títulos carregaram as palavras consideradas mais importantes das unidades. Esses títulos foram aproximados por semelhança em categorias iniciais a partir de seus sentidos. Posteriormente, de modo intuitivo, chegamos a categorias mais amplas e, num movimento recursivo, estabelecemos categorias intermediárias.

A análise foi desenvolvida com o suporte do *software* Atlas.ti conforme já apresentado em estudo anterior que articula ATD e Atlas.ti (ARIZA et al., 2015). Ao longo do metatexto as unidades de significado estão codificadas com “US6:X” em que US é referente à unidade de significado extraída do livro de ATD (MORAES; GALIAZZI, 2007), nosso corpus de análise, 6 é número do documento primário com o qual trabalhamos no Atlas.ti e “X” é referente a ocorrência numérica da unidade de significado no texto. Algumas US6, ou unidades de significado do texto de ATD, foram apenas indicadas em função de uma adequação textual, extensão do texto e acordo entre os autores acerca das unidades imprescindíveis à compreensão do fenômeno em análise.

Neste texto, discutiremos a categoria final A Categoria nos Métodos da Análise Textual Discursiva: da Unitarização e Categorização a um Sistema na Dialética entre o A

Priori e o Emergente. Apresentamos inicialmente a descrição da primeira das categorias, pois, “a descrição é um movimento na linguagem para que o próprio sujeito se dê conta do modo como o fenômeno se mostra, para que perceba suas pré-compreensões e preconceitos, o que pode levar à ampliação ou mesmo à superação deles” (SOUSA; GALIAZZI; SCHMIDT, 2016, p. 320). A seguir, a descrição acerca da categoria na ATD mostrou-nos também a vinculação teórica no desenvolvimento desta metodologia de análise e lançamos mão dessa articulação para desencadear as compreensões apresentadas no texto. Apresentamos a seguir as sínteses descritivas resultantes da análise com destaque para algumas unidades de significado em que os autores assinalaram teóricos ao mencionar a categoria e a categorização na obra analisada. Este movimento associado à busca de produções teóricas anteriores sobre metodologia de pesquisa, especialmente de um dos autores, permitiu marcar algumas influências teóricas históricas e em movimento nesta metodologia de análise qualitativa.

2 A Categoria nos Métodos da Análise Textual Discursiva: da Unitarização e Categorização a um Sistema na Dialética entre o A Priori e o Emergente

Nesta primeira parte do texto, descreveremos como se mostrou a categoria na obra analisada. Como já dito, este texto analisa a categoria denominada *A Categoria nos Métodos da Análise Textual Discursiva: da Unitarização e Categorização a um Sistema na Dialética entre o A Priori e o Emergente*. Nesta categoria final, tivemos duas categorias intermediárias: i. *O Método em Busca de Validade: da Unitarização à Categorização entre o A Priori e o Emergente*; ii. *A Autorial no Sistema Categórico Dialético: entre Objetividade e Auto-organização, Empiria e Teorização*.

2.1 O Método em Busca de Validade: da Unitarização à Categorização entre o A Priori e o Emergente

A partir da pergunta fenomenológica inicial “O que é isto: a categoria na Análise Textual Discursiva?”, buscamos por sentidos ampliados do que significa a categoria na ATD. Neste item, apresentamos a descrição (MORAES, 1991) de uma categoria intermediária que conta mais acerca da elaboração das categorias e da categorização como resultante das escolhas dos métodos com os quais podemos trabalhar com a Análise Textual Discursiva. A expectativa de olharmos para esta categoria sobre elaboração de

categorias é que ela nos mostre caminhos para dizermos mais sobre o que é isto, a categoria na ATD.

No processo de análise, o que se mostrou fortemente é que *método*, *categoria*, *categorização* estão juntos na ATD. Ou seja, percebemos nesta primeira categoria intermediária a vinculação do processo de elaboração de categorias na ATD com o método. Então, para entendermos categoria é preciso entender mais sobre *Método*. Assim, aqui fazemos um enxerto hermenêutico (BICUDO, 2011) para compreendermos mais sobre método na história e na linguagem.

2.1.1 No horizonte de Significados acerca do Método

Iniciando com os significados de uso comum para este enxerto na descrição, partindo do dicionário, a palavra aparece em textos na Língua Portuguesa na segunda metade do século XVII e sua etimologia está ligada à pesquisa, busca, estudo de um tema. Do grego, *metá* significa *através* e *hodós*, *caminho* e tem diferentes acepções. Pode significar procedimento, técnica ou meio de fazer alguma de acordo com um plano. Significa também processo organizado, lógico e sistemático de pesquisa, instrução, investigação e apresentação e também ordem, lógica ou sistema que regula uma determinada atividade. Ainda podemos usar a palavra quando queremos dizer meio, recurso, forma, maneira de se comportar, agir ou pensar ou mesmo qualquer procedimento técnico ou científico. Ao método também se atribui o significado de conjunto de regras e princípios normativos que regulam o ensino, ou a prática de uma arte e como compêndio que apresenta os princípios de uma arte, ciência, etc. Pode ainda significar a maneira de agir ou de ser cuidadoso, equilibrado, ponderado, objetivo, ordenado. Pode ser também o conjunto sistemático de regras e procedimentos que, se respeitados em uma investigação cognitiva, conduzem à verdade (HOUAISS, 2009).

Podemos nos concentrar nas acepções mais filosóficas apresentadas neste dicionário. Identificamos nele o *método axiomático*, que parte de premissa considerada evidente e verdadeira, fundamento de uma demonstração, método dedutivo; o *método categórico-dedutivo*, método cognitivo baseado no desenvolvimento lógico de um axioma dedutivo, método dedutivo; o *método experimental* em uma investigação científica, conjunto de procedimentos que, por meio da observação dos fatos da natureza no interior de condições preparadas e controladas pelo pesquisador, formula leis gerais e explicativas; o *método hipotético-dedutivo* segundo como Karl Popper (1902-1994), é o

método usual em toda investigação científica, caracterizado por partir de uma hipótese geral e de seus desdobramentos dedutivos, recorrendo somente em um momento posterior à observação empírica, que pode comprovar ou efetuar o quadro teórico inicia; no *método indutivo*, segundo os filósofos ingleses Francis Bacon (1561-1626) e John Stuart Mill (1806-1873), é caracterizado por partir da observação minuciosa de fatos particulares e, por meio de uma generalização probabilística, chegar à formulação de leis explicativas de caráter abrangente; já o *método sintético* é aquele que consiste em construir a representação por meio de um progresso de teses e antítese (HOUAISS, 2009).

A fim de ampliarmos as significações dicionarizadas, partimos para o Dicionário de Filosofia em busca da palavra Método que:

tem dois significados fundamentais: i. qualquer pesquisa ou orientação de pesquisa; ii. uma técnica particular de pesquisa. No primeiro significado, não se distingue de "investigação" ou "doutrina". O segundo significado é mais restrito e indica um procedimento de investigação organizado, repetível e autocorrigível que garanta a obtenção de resultados válidos. [...] Tanto Platão quanto Aristóteles empregam esse termo em ambos os significados; no moderno e contemporâneo, prevalece o segundo (ABBAGNANO, 2007, p. 668).

Isto nos remete a própria ideia de análise, já que estamos tratando de método na Análise Textual Discursiva. Para Beaney (2003), a análise esteve sempre no centro do método filosófico, mas tem sido compreendida e praticada de diferentes modos. Em um sentido amplo, este autor arrisca definir “análise” como um processo de isolar ou resgatar o que é mais fundamental em termos de significado de algo que inicialmente é entendido como dado e que pode ser explicado ou reconstruído. Para ele, esta reconstrução geralmente apresenta um processo de síntese, o que permite uma grande variação em métodos. Assim, não conseguimos desvincular “método” de “análise”, o que já nos mostra uma imagem ainda bastante tremida de por que chegamos à categoria acerca do método na Análise Textual Discursiva.

Em um exercício de transitarmos dentro da História da Filosofia, vão se mostrando particularidades acerca das compreensões de método em diferentes pensadores e épocas. Por isso, olhamos para o que chega até nós pela *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, especialmente pela contribuição de Andersen e Hepburn (2015) acerca do método. Este constitui mais um exercício de compreendermos acerca do método pela interpretação histórica desses autores.

Iniciamos por Platão (429-347 a.C.), que atribuía ao raciocínio o método que guia o caminho do conhecimento. Era seu modo de minimizar a importância da observação, pois para ele, o reino das coisas era dividido em visível e inteligível, em que somente as

últimas, as Formas, poderiam ser conhecidas com certeza geométrica e raciocínio dedutivo. O observado era imperfeito, não ideal. Em oposição a isto, Aristóteles (384-322 a.C.) entendia as Formas como princípios fundamentais a serem descobertos pela investigação da natureza. Aristóteles é o que primeiro reflete sobre os objetivos e os métodos de investigação da natureza. Para ele, o empirismo, a observação cuidadosa (mas passiva) é o ponto de partida para esta investigação. Este filósofo se dedicava à ordenação e visualização desses fatos empíricos, um corpo de conhecimento, a *episteme*. Os objetivos de ordenação e exibição de fatos determinam os métodos necessários a uma investigação bem sucedida (ANDERSEN; HEPBURN, 2015).

Assim, o método requer uma lógica como um sistema de raciocínio para organizar e também inferir o que é conhecido pela observação. As ideias de sistema de Aristóteles foram compiladas com o título de *Organon*. Nesta, o raciocínio foi dividido em dois modos que persistem até hoje: método dedutivo *versus* indutivo que em outras metodologias aparecem como análise/síntese, não-expansiva/ampliativa ou confirmação/verificação. Há, portanto, duas "direções" para prosseguir na investigação: uma distante do que é observado, mais geral e abrangente; outra parte do fundamental e geral para instâncias específicas. Assim, Aristóteles e Platão empregaram uma estrutura de raciocínio "nas Formas" ou "longe das Formas". Pensadores medievais (como Tomás de Aquino, Roger Bacon e outros) empregaram essas direções longe dos fenômenos e de volta aos fenômenos, um movimento de análise/síntese. Na análise, o exame do fenômeno busca descobrir seus princípios explicativos e, na síntese, as explicações são construídas a partir de princípios primeiros (ANDERSEN; HEPBURN, 2015).

Durante a Revolução Científica, séculos XVI a XVIII, houve um período de intensos avanços em termos de conhecimento sobre o funcionamento do mundo natural, mas também em termos de intensa reflexão sobre a origem e legitimação dos métodos pelos quais esses avanços foram alcançados. A natureza vinha sendo descrita na linguagem matemática, o que incentivou a descrição matemática e a explicação mecânica como necessárias ao método científico (ANDERSEN; HEPBURN, 2015).

Em *Novum Organum* (1620), Bacon criticou o método aristotélico por seus rápidos procedimentos e saltos do particular para o universal. O método proposto por Bacon seria fundamentado na coleta metódica de dados e observações com a correção de nossos sentidos de modo a evitar o que ele chamou de Ídolos, aos quais os observadores ingênuos estão propensos. Reivindicava-se, assim uma escalada metódica cuidadosa, gradual e ininterrupta, geral e confiável. O método de Bacon tem sido criticado como

pouco prático (ANDERSEN; HEPBURN, 2015). Em 1637, surgiu um curto tratado com tremendo impacto no pensamento da época, *O Discurso sobre o Método*, em que Descartes (1596-1650) pretendeu estabelecer fundamentos mais firmes à Filosofia da ciência natural, aproximando a Filosofia do pensamento newtoniano e das ciências exatas da geometria e da lógica. É a partir daí que a razão humana passa a ser a fonte da verdade (LAWN, 2011).

2.1.2 A paisagem sobre o Método na Categoria

Retomando o texto *Análise Textual Discursiva* (MORAES; GALIAZZI, 2007) como o nosso material empírico na busca de entendermos mais sobre o método e como ele nos leva à categoria na ATD, fez-nos produzir parágrafos-sínteses a partir das unidades de significado ao longo do processo de elaboração deste metatexto. Por isso, nosso movimento descritivo parte desses parágrafos-síntese que se desdobram em descrições pormenorizadas com a apresentação das unidades de significados (MORAES, 1991) que os dão suporte.

Como dissemos, o método na ATD é o responsável pelo modo da produção de categorias. A produção de categorias, que na ATD chama-se categorização, parte sempre de um passo anterior que é a unitarização, produção de unidades de significado a partir dos textos em análise. A produção de categorias de diferentes amplitudes e complexidades leva ao metatexto, processo de elaboração textual articulada das categorias de análise, em um movimento de afastamento do processo categorial inicial. A relevância de olharmos para a influência do método na produção categorias na ATD, foi sendo mostrada ao longo da análise e nos levou ao parágrafo-síntese desta categoria inicial:

Na Análise Textual Discursiva, o processo de categorizar pode ser feito por diferentes métodos, nos quais a unitarização leva à categorização. A categorização tem relação com os objetivos da pesquisa que precisam ser explicitados com clareza. Esta relação entre categorias e objetivos se estabelece no processo pela exaustividade e pela saturação das categorias, sendo estes modos de validade, confiabilidade e rigor do método. É no metatexto que se busca um afastamento do método de categorização por meio da interpretação com a qual podem ser feitas inferências à compreensão.

Ao prestarmos atenção à palavra categoria, estão nos sentidos que lhe são atribuídos palavras que expressam uma ideia de método: objetivos, clareza, exaustividade, saturação, validade, confiabilidade, inferência e rigor (MORAES, 1999).

Estas palavras presentes na discussão de Análise de Conteúdo (MORAES, 1999) se associam ao método na ATD, aproximando-a de uma visão de método científico. Na Análise Textual Discursiva, o pesquisador pode assumir diferentes métodos de análise: o método dedutivo, o método indutivo, o método intuitivo e o método misto (MORAES, 1991). O método dedutivo é aquele em que as teorias assumidas pelo pesquisador para interpretar o fenômeno são estabelecidas antes mesmo da etapa inicial de análise:

O método dedutivo, um movimento do geral para o particular, implica construir categorias antes mesmo de examinar o “corpus”. As categorias são deduzidas das teorias que servem de fundamento para a pesquisa. São “caixas” (BARDIN, 1977), nas quais as unidades de análise serão colocadas ou organizadas. Esses agrupamentos constituem as categorias “a priori” (US6:13) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 23).

Neste caso, temos o estabelecimento de categorias de análise assumidas previamente ao estudo do fenômeno cujo trabalho do pesquisador é o de atribuir em qual dessas categorias *a priori*, (MORAES, 1999) fundamentadas em teorias com as quais já lida ou lidou, cada unidade de significado “se encaixa”.

Em outro modo de produzir a análise está a possibilidade de categorizar pelo método indutivo, que é aquele no qual o pesquisador reúne informações textuais – unidades de significado – baseado em semelhanças empíricas entre estas que o leva à generalização e ao estabelecimento de uma categoria.

Já o método indutivo implica produzir as categorias a partir das unidades de análise construídas a partir do “corpus”. Por um processo de comparar e contrastar constantes entre as unidades de análise, o pesquisador vai organizando conjuntos de elementos semelhantes, geralmente com base em seu conhecimento tácito, conforme descrevem Lincoln e Guba (1985). Esse é um processo indutivo, de caminhar do particular ao geral, resultando no que se denomina as categorias emergentes (US6:14) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 23-24).

Diferentemente do método dedutivo, o método indutivo lida com despreensão teórica prévia. A elaboração de categorias com o método indutivo reivindica que o pesquisador busque teorias com as quais talvez nem tenha trabalhado para fundamentar as suas categorias. Ou seja, exercício empírico é que induz o delineamento teórico categorial. Estes dois extremos, iniciar a partir da teoria existente ou das informações empíricas que se organizam em modos de dizer teórico pelo acúmulo de informações, são os mais clássicos nas pesquisas qualitativas em análises formais que estabelecem as teorias antes da análise e abordagens mais apoiadas no empírico.

Este movimento metódico de categorização dedutiva, indutiva ou mista (MORAES, 1999) da Análise Textual Discursiva tem a influência da pesquisa naturalística (LINCOLN; GUBA, 1985). Entretanto, neste processo de elaboração

categorial da ATD há também a influência da Fenomenologia e do método estabelecido por Amedeo Giorgi (1985) que assumem um terceiro modo de produção das categorias que é o método intuitivo:

Entendemos que se pode descrever ainda um terceiro método de produção de categorias. É o método intuitivo. Chegar a um conjunto de categorias por meio da intuição exige integrar-se num processo de auto-organização em que, a partir de um conjunto complexo de elementos de partida, emerge uma nova ordem. O processo intuitivo pretende superar a racionalidade linear que está implícita tanto no método dedutivo quanto no indutivo. Pretende que as categorias tenham sentido a partir do fenômeno focalizado como um todo. As categorias produzidas por intuição originam-se a partir de inspirações repentinas, “insights” que se apresentam ao pesquisador a partir de uma intensa impregnação nos dados relacionados aos fenômenos (US6:16) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 24).

O método intuitivo não está isolado dos dois outros métodos. Nele se pretende uma abertura maior do pesquisador às emergências categoriais e teóricas (MORAES, 1999) que serão auto-organizadas (MORAES; GALIAZZI, 2006) ao longo do processo de análise. Portanto, o método intuitivo proposto na ATD não exclui os demais métodos - dedutivo e indutivo -, pois, para a ATD, seja por um pólo metódico ou outro, em qualquer deles a intuição está presente (US6:17) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 24).

Agora, se estabelecemos categorias de um modo ou de outro, ou partimos de um e nos deslocamos para o outro e nisso nos movimentamos pela intuição, sempre partimos de pressupostos que, inclusive, podem mudar ao longo da análise:

Ainda que essas relações seguidamente fiquem implícitas, a escolha de métodos para a categorização sempre trará junto com ela um conjunto de pressupostos teóricos e paradigmáticos. Enquanto, por exemplo, a dedução implica, geralmente, procura de objetividade, verificabilidade e quantificação, a opção pela indução e intuição traz dentro de si a subjetividade, o foco na qualidade, a idéia de construção, a abertura ao novo. A primeira opção seguidamente carrega pressupostos do paradigma dominante de ciências, enquanto a segunda pode ser relacionada com o paradigma emergente (SANTOS, 1996) (US6:18) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 25).

Outro modo de dizer sobre as categorias está associado à dialética fenomenológica (MORAES, 1991). Na dialética, aspectos opostos e, de certa forma, contraditórios estão juntos na análise. Assim, é que aparecem muitas vezes as categorias e a categorização como resultantes de processos dialéticos de análise, entre o *a priori* e o emergente, como percebemos em Sousa, Galiazzi e Schmidt (2016). Esta dialética está relacionada com o modo de elaboração das categorias, como descrito a seguir no parágrafo síntese a seguir: *O processo de categorização na Análise Textual Discursiva (ATD) se apresenta em uma dialética de categorias definidas a priori em que se conhecem as teorias ou os grandes temas da análise e de categorias emergentes, com as quais se pode pretender teorizar a*

partir dos conhecimentos do pesquisador. Há uma dialética entre a elaboração de categorias de modo a priori, pautada na objetividade e dedução, e o modo emergente, pautado na intuição e indução na ATD. Também é possível que as categorias sejam estabelecidas em uma elaboração categorial que parte de categorias a priori e se desdobra em uma elaboração emergente. Em ambos os pólos é preciso estar atento aos objetivos da pesquisa. É essa produção de categorias que estrutura a análise e que orienta a produção de metatextos. Seja em qualquer dos modos de estabelecimento das categorias é importante que o pesquisador registre seus insights em argumentos.

Os autores tratam aqui sobre a natureza da categoria na ATD. A natureza de categoria *a priori* e emergente está ligada aos modos dedutivo e indutivo elaboração dessas categorias (MORAES, 1999). Este caráter categorial influencia na produção e na estrutura dos metatextos, alertam os autores utilizando-se de Navarro e Diaz (1994).

A categorização pode encaminhar-se a partir de dois processos localizados em extremos opostos. Um deles, de natureza mais objetiva e dedutiva, conduz às categorias denominadas “a priori”. O outro, indutivo e mais subjetivo, produz as denominadas categorias emergentes. Em qualquer de suas formas, a categorização corresponde à construção de uma estrutura de categorias e subcategorias, conduzindo à produção de metatextos (NAVARRO; DIAZ, 1994), constituídos de descrições e interpretações dos materiais analisados. Especialmente a abordagem indutiva implica em uma construção gradativa do objeto da pesquisa, constituindo a categorização elemento central nesse processo (US6:61) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 73).

Assim, delinea-se a influência da escolha do método de análise em duas dimensões da Análise Textual Discursiva: i. no processo de elaboração de categorias; ii. no processo de elaboração do metatexto. Os dois processos estão vinculados como explicitado na unidade acima. Entretanto, como vimos em (SOUSA; GALIAZZI; SCHMIDT, 2016), as categorias *a priori* do pesquisador muitas vezes não são suficientes para a compreensão do fenômeno que exige o enveredamento do pesquisador em outras articulações teóricas, uma emergência teórica na investigação.

Ainda sobre a natureza metódica indutiva ou dedutiva da categorização, ela apresenta um vínculo estreito com a amplitude da categoria. A natureza dialética da categorização produz categorias mais amplas ou mais específicas, em que ambas são importantes para a construção do sistema categorial. Os autores alertam que amplitude das categorias constituidoras do sistema também repercute no metatexto acerca do fenômeno (US6:89) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 84). A ATD leva a uma construção sistêmica a partir de categorias, sejam elas *a priori* ou emergentes. Faremos uma discussão mais ampla do que representa a ideia de sistema na ATD na seção 3 deste texto. Por hora, podemos ter em mente que a análise não se finda com a produção deste sistema

categorial, pois o passo seguinte é a produção do metatexto, a expressão de autoria do pesquisador (MORAES; GALIAZZI, 2006) que visa, na linguagem, ampliar compreensões sobre o fenômeno. A produção do metatexto elaborado a partir das categorias representa, ao mesmo tempo, o afastamento delas, na medida em que o pesquisador-autor busca tornar mais clara uma categoria para si mesmo. Por isso, não há a necessidade de privilegiar categorias mais amplas em detrimento daquelas menos amplas. O aprofundamento teórico de qualquer categoria de amplitude variada do fenômeno que se mostra ao pesquisador no processo de autoria é que vai ser o desencadeador de outras compreensões.

Na dialética do *a priori* e do emergente para a elaboração de categorias, o trabalho com categorias *a priori* ocorre com uma facilidade maior, entretanto, os autores da ATD alertam para sua possível restrição. Por outro lado, com categorias emergentes, há uma intensidade maior de trabalho, além do pesquisador precisar lidar com a insegurança do caminho analítico. Os autores citam Laville e Dionne (1999) como aqueles que indicam a possibilidade de combinar as duas formas de elaboração categorial.

Ainda que a análise textual discursiva possa operar tanto com categorias “a priori”, como com categorias emergentes, entendemos serem as últimas as que têm possibilidades maiores de criatividade. Alguns autores defendem a combinação das duas alternativas (LAVILLE; DIONNE, 1999) (US6:127) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 118).

Ambos os processos de produção de categorias - *a priori* e emergente - exigem um esforço de imersão do pesquisador na leitura atenta das unidades de significado. Trata-se do exercício de escuta do que o fenômeno diz ao pesquisador, um efeito da intuição que, na fenomenologia Husserliana, é o preenchimento da intenção (GILES, 1975). Assim, é preciso estarmos atentos ao que o fenômeno nos mostra, desde o processo inicial da ATD, que é a leitura para *corpus* para o processo de unitarização.

Não é possível chegarmos à categorização sem fragmentar os textos. Os autores da ATD tratam de como são elaboradas as categorias de análise, a partir da unitarização. Sobre a unitarização que leva à categorização, alcançamos perceber o que está descrito no parágrafo-síntese:

O processo de unitarização da ATD leva à categorização, reunião de unidades base deste processo. Essas unidades são reunidas por semelhança em função de seus aspectos importantes e resultarão na elaboração das categorias. Ambos processos - unitarizar e categorizar - levam a uma impregnação textual do pesquisador e possibilitam a elaboração de unidades intuitivas, influência da fenomenologia, e da auto-

organização. São a unitarização e a categorização que levam o pesquisador à escrita.

O processo de elaboração das unidades, a unitarização, é responsável por delimitar os aspectos importantes que resultarão nas categorias (US6:121) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 116). Neste processo de destaque de unidades, apresenta-se a possibilidade de também considerá-lo um processo intuitivo que os autores chamam de unidades intuitivas. Esta possibilidade está sob influência teórica da fenomenologia de Amedeo Giorgi (MORAES, 1991). Diante disso, o unitarizar e o categorizar na ATD significam a impregnação do pesquisador nos textos em análise. A partir dessa impregnação, abre-se margem para a criatividade auto-organizada:

Entende-se que isso é assim porque aspectos verdadeiramente criativos emergentes de uma análise textual discursiva são resultados de um processo auto-organizativo que só se efetiva a partir de um envolvimento intenso do pesquisador nos fenômenos que estuda. A unitarização e a categorização possibilitam essa impregnação. (US6:143) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 134)

É neste movimento de unitarizar e categorizar que a ATD aposta na escrita como modo de atingir maiores compreensões. Este processo de (d)escrever que, em modos cíclicos leva à abstração, pode iniciar desde a unitarização, com a escolha de palavras-chave da unidade de significado que são carregadas na elaboração de títulos dessas unidades em forma de uma ideia que as sintetiza em forma de palavra ou sentença. Ainda com intenso movimento de escuta das palavras postas nos textos, o pesquisador exercita a escrita e cada vez com maior distanciamento dos textos empíricos. É a partir dos títulos das unidades que se estabelecem as categorias iniciais. Essas reúnem um conjunto de títulos, que podem expressar a ideia contida naquela categoria em um parágrafo, como são os parágrafos-sínteses apresentados neste texto, seguidos de unidades de significado que têm a ver com o contexto e com o texto analisado. É nos movimentos de elaboração de unidades e categorias que o fenômeno exige do pesquisador a escrita. A escrita faz parte do processo de comunicação do que se entende acerca do fenômeno, é dizer sobre ele (US6:159) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 176).

A categoria na ATD, inserida em um contexto em que os pares validam as pesquisas, não se pode esquecer a tradição em que categorizar tem relação com os objetivos da pesquisa e com o objeto (US6:129) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 120). O estabelecimento da relação entre categoria e objetivos de pesquisa, muito presente nos manuais de iniciação à pesquisa e ensinados nas aulas de formação de pesquisadores, vem junto com a importância da explicitação clara dos critérios de classificação das categorias (US6:88) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 84). Quando se fala em classificação

categorial na ATD, outra característica que os autores atribuem como desejável durante uma análise categorial é a homogeneidade (MORAES, 1999). Assim, eles explicitam no texto esta característica:

Outra propriedade desejável em conjuntos de categorias é a homogeneidade. As categorias necessitam ser homogêneas, ou seja, precisam ser construídas a partir de um mesmo princípio, a partir de um mesmo contínuo conceitual. [...] Evidentemente, a complexidade das categorias e subcategorias tem relação com os materiais analisados, assim como com as capacidades do pesquisador em perceber e construir diferentes estruturas de classificação. Entretanto, cada conjunto de categorias, sejam gerais e amplas, sejam subcategorias mais específicas, necessita ser homogêneo (US6:22) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 26).

Neste sentido é que a homogeneidade é construída a partir dos sentidos atribuídos pelo pesquisador. É o pesquisador, a partir do seu envolvimento com as unidades de significado destacadas do *corpus*, que precisará estar atento às unidades para exercício de reunião daquilo que é semelhante e estabelecerá critérios tão unidimensionais quanto possível (US6:87) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 83).

Os critérios de classificação de categorias que se baseiam na intencionalidade da pesquisa também têm estreito vínculo com a ideia de validade. Ao pesquisador interessa que seu processo analítico seja considerado válido. Neste sentido, os autores afirmam que não é o método de categorização o mais importante nesta metodologia de análise, mas a intensidade da compreensão alcançada com ela (US6:20) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 25-26).

Qualquer que seja o método elaborado pelo pesquisador, a ATD requer que este método tenha validade e pertinência durante o caminho analítico. No processo de categorização com a Análise Textual Discursiva, a busca pela validade categorial se mostra importante como apresentado no parágrafo-síntese a seguir:

Na ATD, uma categoria é considerada válida quando destaca as principais características dos textos no seu processo de descrição e leva em consideração o contexto e os objetivos da pesquisa, o que atribui pertinência à categoria. A validação pode ter derivação teórica ou emergente a partir da empiria com ancoragem nos textos.

No texto do livro Análise Textual Discursiva, as categorias são apresentadas com a necessidade de serem válidas e pertinentes, pois se vinculam à representação dos textos em análise. Além disso, uma categoria válida exige teoria, seja ela *a priori* ou emergente – a ideia de categoria emergente os autores buscam em Strauss (1991) –, como aparece nesta unidade de significado:

As categorias necessitam ter validade teórica, o que tanto pode ser conseguido com sua derivação de teorias “a priori”, como pode ser construída

gradativamente a partir da própria teorização num processo de derivação de categorias emergentes (STRAUSS, 1991). Em qualquer dos encaminhamentos a questão da validade é central no processo de categorização (US6:86) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 83).

Para atribuir validade às produções analíticas originadas da pesquisa as categorias na Análise Textual Discursiva, além de considerar o objetivo, o contexto da pesquisa e a teorização, precisam ter capacidade descritiva. Isso se garante pela validade das categorias e dos argumentos elaborados na análise. Os autores apostam na descrição e na elaboração de argumentos acerca dos fenômenos em análise, em que uma das formas de alcançar esta validade é pela interlocução empírica, ou “ancoragem empírica” (KRAUSE, 2000).

Essa validade diz respeito à pertinência do que se afirma em relação aos fenômenos investigados e, uma das formas de conseguí-la, é o uso de depoimentos, falas ou expressões escritas dos sujeitos participantes das pesquisas. É o que se denomina ancoragem empírica (KRAUSE, 2000). [...] Assim, os textos produzidos precisam expressar mais do que a compreensão pessoal do pesquisador. Precisam descrever explicações e compreensões dos participantes, ainda que reconstruídas pelo pesquisador. (US6:111) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 100)

O pesquisador parte dos textos empíricos para a descrição do fenômeno e, com isso, contribui-se para validar a elaboração de categorias acerca dele.

Essas ideias de objetivo de pesquisa, sua amplitude investigativa e a clareza para a categorização levam também a pensar na relação sempre muito presente nas pesquisas que é até quando e quanto se produz de informações, ou seja, a ideia de delimitação do *corpus* de análise. E isso marca na ATD esta vinculação em estar atento ao fenômeno em sua totalidade. Assim, ao invés de uma delimitação por quantidade numérica, mas não longe disso, na ATD esses critérios se expressam por exaustividade e saturação (LINCOLN; GUBA, 1985):

Os conjuntos de categorias que constrói devem ser exaustivos, isto é devem incluir todos os materiais pertinentes ao estudo. [...] Só necessitam ser classificadas informações efetivamente pertinentes à pesquisa e aos fenômenos investigados. A exaustividade também é delimitada pelo critério da saturação. Uma vez que a inclusão de novos materiais em categorias já construídas não trazer mais novos elementos de compreensão, é improdutivo continuar a categorizar mais materiais (US6:90) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 84-85).

Embora exaustividade e saturação possam remeter a um sentido negativo ou de busca de totalidade, na ATD, a exaustividade tem um estreito vínculo com o pesquisador, suas experiências prévias, sua história, como ele percebe o caminho investigativo e o próprio fenômeno que busca compreender. Neste sentido, a exaustividade tem a ver com o limite e finitude do pesquisador que busca aprender mais. O mesmo vale para saturação

em que, a partir do percurso investigativo, o pesquisador atento ao fenômeno que busca compreender, percebe que a categorização se esgota em determinado momento, inclusive por exigência temporal.

É neste movimento da ATD que a categoria mostra níveis de pertencimento ao contexto em que as informações foram produzidas e ao texto a analisar que vai explorar estas relações entre contexto e texto em modo de metatextos descritivos-interpretativos:

Os sistemas de categorias correspondem a sínteses dos elementos que mais se destacam nos fenômenos investigados. Nesse sentido, constituem pontes para a realização de inferências dos textos aos contextos, dos materiais analisados para os fenômenos pesquisados. A concretização, cada vez mais elaborada, dessas inferências, aparecerá em forma de metatextos descritivos e interpretativos, expressando as compreensões atingidas (US6:103) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 89-90).

Como afirmamos no início do texto, as palavras carregam sentidos. Pensar no que a categoria permite inferir faz lembrar modos presos aos números e suas análises em metodologias quantitativas. E se de algum modo este é um dos sentidos de como a categoria se mostra na ATD, mais presa a uma linguagem da racionalidade científica, e pode ser assim na ATD, a depender das escolhas do pesquisador, essa não é a única possibilidade porque também é possível fazer uso de metáforas como modo de compreender mais intensamente o fenômeno em análise.

Seguidamente, as compreensões mais profundas e originais somente conseguem ser explicitadas pelo uso de metáforas (MARTÍNEZ, 1994), já que as teorizações mais criativas exigem tempo para se estabelecerem na linguagem de um modo mais direto (US6:103) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 90).

Em síntese, nesta subcategoria, o que se mostrou sobre categoria é sua vinculação a um método de análise, que pode ser dedutivo, indutivo, misto ou intuitivo. O foco no método está mais na compreensão do fenômeno do final do que na escolha de um ou outro, pois estas escolhas não são fixas. *A priori* ou emergente, a escolha do método reflete também na categorização, pois estando a categoria ligada ao método, ele mesmo exige condições de validade: clareza na expressão das categorias que se articulem com os objetivos da pesquisa, estabelecimento de *corpus* de análise com delimitação de unidades de significado com grau de exaustividade e saturação e homogeneidade das categorias. Ao se garantir estas características nas escolhas do método e nos procedimentos que lhe são inerentes - unitarização e categorização - é possível apresentar um sistema categorial que se relaciona com o fenômeno em análise. Este sistema, também em uma perspectiva dialética, transita entre, como está exposto a seguir, a objetividade e a auto-organização (MORAES, 2003), entre as informações empíricas e a teorização que lhe garantem

validade.

Ao fazermos uma interpretação hermenêutica desta subcategoria considerando a história da ATD e seu contexto em um programa de formação de pesquisadores com o predomínio da Análise de Conteúdo, percebe-se a vinculação da categoria a um método alicerçado na ciência e que se aventura a modificações. Os métodos dedutivo e indutivo, produzidos no racionalismo científico, são abertos em uma mistura dos dois ou mesmo com a inclusão de uma possibilidade intuitiva trazida da Fenomenologia, da emergência da pesquisa naturalística. Isso remete a pensar nas pré-compreensões presentes no pensamento de Gadamer que são ponto de partida, mas não limitam o movimento em direção à fusão de horizontes que é inalcançável (LAWN, 2011).

2.2 A Autoria no Sistema Categoral: a Dialética entre a Objetividade e Auto-organização e entre o Empírico e o Teórico

Nesta segunda subcategoria, o que se mostrou inicialmente foi a organização das categorias em uma estrutura que indica um sistema categorial. Para a elaboração deste sistema, do mesmo modo que na escolha do método, o movimento dialético de análise transita entre a objetividade e a auto-organização; entre o empírico e o teórico. Neste movimento é que pela escrita o pesquisador se assume autor da pesquisa realizada e, com isso, o sistema categorial da ATD é um sistema que pode partir de categorias *a priori*, como no método.

Este resultado exigiu que compreendêssemos mais sobre sistema a partir da descrição fenomenológica em um exercício de enxerto hermenêutico como proposto por Bicudo (2011), apresentado a seguir.

2.2.1 O horizonte de Significados acerca do Sistema Categoral

A palavra sistema aparece no dicionário da língua portuguesa em 1702. Etimologicamente, do latim, significa juntura, reunião e, do grego, conjunto, multidão. Em sentido amplo, sistema é um conjunto de elementos organizados considerados em suas relações logicamente estabelecidas. Os sistemas fundamentam as áreas do conhecimento que com suas estruturas estabelecidas por regras que analisam, explicam, compreendem fenômenos de cada área. Assim, temos exemplos de sistemas o sistema Braille, como código de uma linguagem, sistema universal de medidas, sistema

digestório. Na linguagem, um sistema é um conjunto de rede de relações (HOUAISS, 2009).

Ao adentrarmos para o significado de sistema na Filosofia, sistema tem sido usado historicamente como uma totalidade que se deduz do discurso. Inicialmente, indicava o conjunto formado por premissas e conclusão ou o conjunto de premissas e passou a ser usado em filosofia para indicar, principalmente, um discurso organizado dedutivamente, ou seja, um discurso que constitui um todo cujas partes derivam umas das outras. O sistema ligado à demonstração na ciência contém as razões e provas e descreve a ordem científica perfeita quando das demonstrações mais simples se originam as outras. Assim, as verdades aparecem ligadas a procedimentos demonstrativos, para Leibniz (1646-1716). Kant (1724-1804) subordinou sistema a unidade do princípio, que fundamenta o sistema, pois sistema reúne unidades sob uma única ideia, que pode crescer de dentro para fora, mas não ao contrário. A possibilidade de derivar de um único princípio foi a característica que determinou o sucesso dessa noção na literatura filosófica romântica e constitui o ideal da teoria da ciência. Na filosofia romântica, é lugar-comum considerar sistema como forma da ciência, que supõe um princípio único e absoluto. Mas esse ideal na ciência acaba por voltar-se contra a própria matemática e sendo reivindicado exclusivamente como uma forma sistemática de apresentação da Filosofia. Hegel (1770-1831) sancionou o mesmo ponto de vista, mas acrescenta ao impor a exigência sistemática como critério científico. Contudo, sistema também passou a ser usado para indicar qualquer organismo dedutivo, mesmo que não tenha um princípio único como fundamento. Na ciência, por exemplo, os sistemas hipotético-dedutivos, abstratos, axiomáticos não têm um princípio único e isso significou que sistema passou a ser entendido como qualquer totalidade ou todo organizado classificatório, como no sistema de Lineu (1707-1778). A esse sentido a Filosofia também apresenta sistemas abstratos escassamente empíricos (ABBAGNANO, 2007).

A partir disso, concentrarmo-nos na compreensão de um sistema categorial, como o resultado da organização das unidades de significado em categorias iniciais e intermediárias na ATD. As categorias se organizam em uma estrutura que sinaliza um sistema, de certo modo, hierárquico com categorias finais que abrangem as intermediárias que abrangem as iniciais e estas as unidades de significado. Aristóteles apresentou um sistema categorial realista para coisas buscando responder a clássica questão metafísica: “O que é isso?”. É um sistema de objetos, não é um sistema linguístico. Com o ceticismo de poder chegar à exaustão de classificação de entidades deste modo, outros sistemas

voltados para a conceitualização foram desenvolvidos. O sistema categorial de Kant delinea aspectos necessários para conhecer os objetos. Para ele, estas necessidades são estabelecidas *a priori*. Depois de Kant, o projeto de categorizar teve características descritivas do que o mundo poderia ter de acordo com nosso pensamento, experiência ou linguagem e estes modos de estabelecer sistemas categoriais esteve menos preocupado com a concretude dessas categorias. Husserl (1859-1938) aborda as categorias com proximidade desse sentido, já que ele começa por definir categorias de significados, que podem então ser usadas para traçar categorias ontológicas (categorias de significados possíveis aos objetos) como correlatas das categorias de significados, sem preocupação com quaisquer questões empíricas. Um sistema de categorias ontológicas tem muitos usos em Filosofia, mas também dificuldades (THOMASSON, 2016).

Um sistema de categorias ontológicas traçadas em qualquer um desses modos tem o potencial para muitos usos na filosofia, mas os que oferecem tais sistemas de categorias também enfrentam uma variedade de dificuldades. Eles devem abordar a questão de quais são os métodos apropriados por meio dos quais as categorias devem ser distinguidas, quantas categorias existem e quais são, se existe ou não um único gênero que inclui todas as outras categorias e se devemos distinguir um único sistema de categorias ou múltiplas dimensões de categorias - questões sobre as quais houve pouco acordo (THOMASSON, 2016).

2.2.2 A paisagem da descrição sobre o Sistema na Categoria

Na ATD, distanciando-se de um sistema categorial universal, é na elaboração do sistema analítico categorial que se pode perceber a história, a experiência do pesquisador, sua presença nos argumentos, ou seja, a autoria da pesquisa como se mostra no parágrafo-síntese abaixo:

No texto de ATD, mostra-se que categorizar é um processo de estabelecer relações, em que cada uma das categorias é um subconjunto que se integra ao todo, um sistema estruturado, complexo, intuitivo e auto-organizado. Este sistema de categorias se constitui na macroestrutura para o metatexto, ou seja, ele é produzido por relações e pontes categoriais auto-organizadas. A amplitude deste sistema possibilita a produção de argumentos gerais e aglutinadores também constituintes do modo de análise provenientes das categorias e subcategorias.

Se na primeira categoria mostrou intensamente a vinculação da ATD com a

Análise de Conteúdo, também se mostrou uma ampliação de sentido a partir da fenomenologia. Nesta segunda subcategoria, outros aspectos podem estar presentes na elaboração do sistema de categorias em que a auto-organização e a emergência, teorizadas a partir de Kauffman, de Maturana, Varela, Thompson, derivam na produção de um sistema categorial de autoria do pesquisador. Este sistema entremeia objetividade e auto-organização, empiria e teorização exigindo e produzindo paralelamente a autoria do pesquisador. É assim que os autores apostam na auto-organização que estabelece relações e usam para expressar esta relação a ideia da ponte que permite passagem e comunicação entre partes por seus sentidos.

(...) por trás da construção de uma nova compreensão a partir de um conjunto de textos, está um processo de auto-organização. Esse processo, mesmo que não seja racional e que não se possa prever seus produtos, pode ser “ajudado” ou “facilitado” por meio do estabelecimento de relações e pontes entre as unidades de base. Na análise textual discursiva isso é feito por meio de categorização. Entendemos que as categorias podem funcionar como pontes que possibilitam que a compreensão do fenômeno pesquisado se auto-organize (KAUFFMAN, 1995) (US6:32) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 31).

Na medida em que as categorias estão definidas e expressas descritivamente a partir dos elementos que as constituem, inicia-se um processo de explicitação de relações entre elas no sentido da construção da estrutura de um metatexto. Nesse movimento, o pesquisador, a partir dos argumentos parciais de cada categoria, exercita a explicitação de um argumento aglutinador do todo. Esse é então utilizado para costurar as diferentes categorias entre si, na expressão da compreensão do todo. Esse processo é por natureza recursivo, exigindo uma crítica permanente dos produtos parciais no sentido de uma explicitação cada vez mais completa e rigorosa de significados construídos e da compreensão atingida (US6:30) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 30).

A estrutura do sistema de categorias é organizada em unidades de significado, categorias iniciais, intermediárias e finais que se diferenciam por sua amplitude como está no texto em análise. Podem ser produzidas tanto categorias mais amplas como as de menor precisão, quanto mais gerais as mais amplas. Elas contêm as subcategorias, mais restritas e de menor amplitude. No processo de categorização *a priori*, o encaminhamento normalmente vai do geral ao específico. Na categorização emergente, o caminho geralmente se dá no sentido inverso, ou seja, de categorias mais finas até categorias mais amplas e gerais (US 6:89) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 82).

Se a escrita estava presente no estabelecimento de título e escrita de parágrafos-síntese descritivos é preciso ir além do descritivo e buscar pela argumentação a autoria no metatexto:

Mesmo que, a partir dessa apresentação possa parecer um processo simples, a construção de argumentos consistentes e bem fundamentados é complexo, exigindo saber conviver com a insegurança de um caminho de criação, cheio de percalços. Ser criativo é ser capaz de permanecer tranquilo em meio à incerteza e confusão (CAPRA, 2002, p. 136). Tanto os argumentos parciais como o argumento global são produzidos como parte das análises e interpretações da pesquisa. Emergem junto com o sistema de categorias produzido pelo pesquisador, solicitando aperfeiçoamentos até o final da pesquisa. Espera-se que no relatório final constituam uma rede bem tecida de argumentos capazes de expressarem com clareza e rigor os resultados da pesquisa. (US6:115) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 102).

No transitar cíclico com o objetivo de compreensão é que o pesquisador, pela escrita, movimenta-se entre a objetividade de uma ciência mais clássica, em que passa a expressar sua autoria em argumentos, e um outro extremo, no qual a própria pesquisa traça seu caminho. Na relação entre categorias e objetivos estabelecida no processo de Análise Textual Discursiva, percebe-se a dialética de uma objetividade dedutiva ou *a priori* e da subjetividade indutiva no processo de categorização. Esta dialética se vincula a outra dialética, a dos objetivos da pesquisa e da auto-organização, que dão validade ao contexto em análise. Desta forma, em um extremo, categorizar é estar mais próximo de uma ciência clássica e suas exigências de objetivos, objeto, questão e método bem delineados de antemão (US6:129) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 120). É exatamente neste ponto que a ATD, mesmo mais próxima da objetividade, destaca que esta objetividade se alcança ao longo do processo e é neste fazer que se manifesta, sem previsão, a auto-organização:

A categorização é um processo exigente e que requer esforço e envolvimento. Além de um retorno constante às informações, também requer uma atenção permanente aos objetivos e metas da pesquisa. Entretanto, uma das maiores dificuldades que o processo apresenta é a necessidade de conviver com a insegurança de um processo criativo, saber lidar com as incertezas da expectativa da emergência de novos modos de compreensão dos fenômenos investigados. Os resultados da auto-organização não têm tempo certo para se manifestarem, o que causa apreensão e angústia com as quais os pesquisadores precisam saber lidar (US6:74) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 78).

Então, é preciso lembrar que das unidades foram elaborados títulos, destes organizadas categorias que geraram parágrafos. Trata-se do exercício da descrição densa das unidades no sistema categorial que inicia com a escrita em direção à autoria, teorização e auto-organização como posto no livro analisado:

Na ATD, categorizar significa descrever densamente na empiria do fenômeno observado para, com isso, ingressar na dialética do empírico e da teorização. Esta descrição tem uma estrutura estabelecida na categorização como o uso de partes dos textos que fazem a ancoragem na realidade empírica. Isso dá validade à descrição. Cada

categoria é um subconjunto não excludente de outras categorias e que se integra ao todo. A elaboração de categorias, a categorização, é um processo autoral que integra este todo.

Nesta descrição, estão muito presentes na organização do metatexto os textos analisados, as palavras e os sujeitos investigados. É a manifestação empírica do fenômeno no texto organizado a partir do sistema de categorias:

Descrever é expressar de modo organizado, os sentidos e significados construídos a partir das análises. É expor os elementos constituintes de um fenômeno e as relações existentes entre eles, a partir do que foi compreendido com base nas análises. As descrições necessitam ser logicamente estruturadas, o que é garantido a partir do sistema de categorias e subcategorias construídas na categorização. [...] O uso de citações de manifestações dos participantes de uma pesquisa é uma das formas de garantir a validade das descrições. A intersubjetividade atingida pela escuta e acolhimento das vozes dos outros sujeitos envolvidos na pesquisa, possibilita expressar explicações e compreensões coletivas, já anteriormente constituídas pelos participantes em relação aos fenômenos investigados (US6:110) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 98).

Se por um lado podemos, de modo mais objetivo, expressar o texto que autores teorizaram acerca dos argumentos produzidos, mais difícil é teorizar em uma perspectiva da descrição densa expressa na teorização daquele fenômeno:

Por outro lado, assumir uma abordagem mais radicalmente subjetiva na categorização é pretender produzir categorias a partir do próprio material analisado. Isso sempre implica uma diversidade de possibilidades de conjuntos de categorias, dependendo o resultado das teorias e dos conhecimentos do pesquisador. Nesse tipo de classificação, num exercício de respeito às vozes e aos sujeitos participantes da pesquisa, o pesquisador exercita uma construção de categorias que valoriza as perspectivas e construções dos participantes, constituindo o processo, nesse sentido, uma reconstrução e explicitação de categorias que as informações coletadas possibilitam construir (US6:80) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 81).

É a partir de todas estas derivações que se chega à ideia de autoria na categoria. É preciso considerarmos que as palavras são polissêmicas, diferentemente dos pressupostos da Análise de Conteúdo que assume a exclusividade das unidades de significado a uma categoria. Na Análise textual Discursiva as unidades e até mesmo as categorias são não-excludentes, o que leva a anunciar outro aspecto. A emergência da análise, ao invés do sistema, leva-nos à rede de significação (KLUTH, 2011), não tratada neste texto, e a autoria do pesquisador.

É o pesquisador com sua história e experiência que se mostra em que outro movimento de autoria que também se expressa, seja a partir de teorias que este pesquisador estava de antemão filiado e que ele compreende mais ou em processos mais indeterminados nos quais o próprio fenômeno toma as rédeas das decisões. Novamente a

dialética fenomenológica se expressa na produção autoral. De um lado o pesquisador experiente expressa o que sabe para compreender o fenômeno, de outro, o pesquisador aprende sobre o que não sabe para poder expressar e melhor compreender o fenômeno:

Assim, categorias podem ser concebidas como aspectos ou dimensões importantes de um fenômeno que o pesquisador decide destacar quando trabalhando com esse fenômeno. São opções e construções do pesquisador, valorizando determinados aspectos em detrimento de outros. Diferentes pesquisadores poderão fazer opções diversificadas, ainda que investigando o mesmo fenômeno (US6:126) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 117).

É assim que de um conjunto desordenado de informações iniciais pela unitarização e categorização se produz um sistema categorial mais ou menos fechado, de acordo com as decisões do pesquisador e nisso se desfaz a exigência da exclusividade. Ao se desfazer a exclusividade, o sistema categorial fragiliza sua hierarquia e se aproxima mais da ideia de rede:

Em primeiro lugar no processo de unitarização nunca se atinge unidades de análise para as quais se possa garantir um único sentido, acarretando, portanto, sempre a possibilidade de enquadramento em mais de uma categoria. Quando uma mesma unidade de análise puder ter mais de um sentido, poderá ser classificada em mais de uma categoria. Isso geralmente acontece quando as unidades são relativamente amplas. Além disso, estudos linguísticos têm demonstrado que as categorias dificilmente apresentam delimitações precisas, havendo geralmente um núcleo em que a propriedade característica da categoria é intensa, reduzindo-se essa intensidade na medida em que se afasta do núcleo central (VARELA; THOMPSON; ROSCH, 2000). Nos limites de separação com as outras categorias há espaços em que podem surgir dúvidas ao enquadrar determinado elemento em uma ou outra categoria. Por isso entendemos que, mesmo que se mantenha a regra da exclusividade mútua, por ser inerente à linguagem e ao conceito de categorização, ela deva ser relativizada, podendo-se com isso superar em parte a fragmentação que o processo de análise acarreta (US6:91) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 85-86).

Em síntese, nesta subcategoria se mostrou a produção do sistema categorial a partir da unitarização e da categorização. Pelo estabelecimento de relações em que cada nível integra um nível mais amplo, a categoria final integra as anteriores com amplitudes diferentes. Este sistema apresenta uma estrutura prévia ou produzida, o que depende de decisões do pesquisador. De um lado em que está presente mais a objetividade e do outro o próprio fenômeno que se mostra em uma auto-organização (MORAES; GALIAZZI, 2006) própria que inclui o pesquisador. A considerarmos os múltiplos sentidos que se pode atribuir às palavras, frases, proposições e sentenças, é na descrição densa que o pesquisador pode perceber esta complexidade de sentidos que o leva ao movimento dialético de expressar o fenômeno enquadrado em uma teoria ou, de outro modo, a teorizar a partir da empiria estando aberto assim a encontrar teorias não esperadas, sendo esta condição expressa pela ideia de auto-organização. Em um modo ou outro, de um

mais formal e estabelecido, de outro mais processual e auto-organizado e emergente é que fenômeno se mostra e com isso se expressa também a autoria do pesquisador.

3 Considerações Finais

Do que se mostrou de categoria na Análise Textual Discursiva, compreendemos que a categoria é exigência do método e se produz a partir da unitarização que consiste na produção de unidades de significado. O método é, portanto, um modo operativo de desencadear a lida com o material empírico, mas o fenômeno exige do pesquisador uma ampliação do operativo em direção ao modo perceptivo e intuitivo na análise. Este método, se por um lado pode chegar a ser mais aberto e intuitivo na produção de categorias, por outro, pode prender o pesquisador a critérios para garantir a cientificidade como exaustividade, saturação, articulados a uma razão objetiva e a uma ciência formal. A escrita dos sentidos dos textos exerce também um papel estruturante do sistema ontológico de categorias, que pela escrita marca *insights* se auto-organiza e permite a emergência tanto do inesperado quanto o não-sabido do autor. Também é pela escrita a partir do sistema categorial que se produz o metatexto, resultado da experiência do pesquisador, que lhe confere forma própria e autoral. Na categoria sobre categoria fica marcadamente presente a dialética entre caminhos descritivos-interpretativos distintos.

Neste texto, o movimento de atenção aos autores referendados nas unidades referentes à categoria mostrou um momento mais inicial trazendo as experiências da Análise de Conteúdo, mais objetiva e na busca de interpretar o que o autor “quis dizer”, da fenomenologia, que agrega o tom ontológico às categorias afastando-as do empírico em um movimento de intuição e descrição. O sistema categorial se aproxima, por outro lado, da auto-organização, da emergência e da complexidade.

Da análise de que este texto é parte, pode-se anunciar ainda um terceiro movimento a ser descrito nos próximos textos oriundos das categorias a descrever que neste não se fez sentir ainda que é o caminho em direção a um horizonte hermenêutico com a fusão de horizontes entre a dialética fenomenológica, a dialógica da complexidade e o diálogo da hermenêutica filosófica.

Este estudo, desenvolvido com a metodologia da ATD, também sinaliza para o mesmo movimento de assunção da hermenêutica, especialmente a hermenêutica filosófica. Neste modo de pesquisar um tema, a intenção da pesquisa se desloca da objetividade para a ampliação de horizontes dos autores desse texto, em que se agregou

a história da metodologia da ATD por seus teóricos chamados a fortalecer os argumentos, o enxerto hermenêutico apresentado sobre método, sistema e categoria considerando as palavras em sua história e sentidos.

Agradecimentos

Agradecemos à Universidade Federal do Rio Grande - FURG e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pelas condições de infraestrutura para o desenvolvimento desta pesquisa.

Referências

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. Trad. Alfredo Bosi. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ANDERSEN, H.; HEPBURN, B. **Scientific Method**. The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Summer 2016 Edition), Edward N. Z. (Org.). 2015. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/archives/sum2016/entries/scientific-method/>>. Acesso em: 02 fev. 2017.

ARIZA, L. G. A. et al. Relaciones entre el Análisis Textual Discursivo y el software ATLAS.ti en interacciones dialógicas. **Campo abierto: Revista de educación**, Badajoz, v. 34, n. 2, p. 105-124, dic. 2015.

BICUDO, M. A. V. **Pesquisa qualitativa segundo a visão fenomenológica**. 1. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 1977.

BEANEY, M. **Analysis**. The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Summer 2016 Edition), Edward N. Z. (Org.). 2013. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/archives/sum2016/entries/analysis/>>. Acesso em 02 fev. 2017.

CAPRA, F. **As conexões ocultas**. 1. ed. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix, 2002.

GILES, T. R. **História do existencialismo e da fenomenologia**. 1. ed. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1975.

GIORGI, A. (Ed.). **Phenomenology and psychological research**. Pittsburgh: Duquesne, 1985.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

KAUFFMAN, S. **At home in the universe: The search for the laws of self-organization and complexity**. 1. ed. New York: Oxford university press, 1995.

KLUTH, V. S. A rede de significação: um pensar metodológico da pesquisa. In: BICUDO, M. A. V. (Org.). **Pesquisa qualitativa segundo a visão fenomenológica**. 1. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011. p. 75-98.

- KRAUSE, G. B. **Educação pelo argumento**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- LAWN, C. **Compreender Gadamer**. 3. ed. Porto Alegre: Vozes, 2011.
- LINCOLN, Y. S.; GUBA, E. G. **Naturalistic inquiry**. 1. ed. London: Sage, 1985.
- MARTÍNEZ, M. **La investigación cualitativa etnográfica en educación**. 1. ed. México: Trillas, 1994.
- MORAES, R. **A educação de professores de ciências: uma investigação da trajetória de profissionalização de bons professores**. 1991. 398f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1991.
- MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, mar. 1999.
- MORAES, R. Uma Tempestade de Luz: a Compreensão Possibilitada pela Análise Textual Discursiva. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 9, n. 2, p. 191-211, out. 2003.
- MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 12, n. 1, p. 117-128, abr. 2006.
- MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise textual: discursiva**. 1. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2007.
- MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise textual: discursiva**. 3. ed. Revisada e Ampliada. Ijuí: Editora Unijuí, 2016.
- NAVARRO, P.; DIAZ, C. Análisis de contenido. In: GUTIÉRREZ, J.; DELGADO, J. M. (Org.). **Métodos y técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales**. 1. ed. Madrid: Síntesis, 1994. p. 177-224.
- SANTOS, B. de S. **Um Discurso sobre as Ciências**. 8. ed. Porto: Afrontamento. 1996.
- SOUSA, R. S.; GALIAZZI, M. C.; SCHMIDT, E. B. Interpretações Fenomenológicas e Hermenêuticas a partir da Análise Textual Discursiva: a Compreensão em Pesquisas na Educação em Ciências. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 4, n. 6, p. 311-333, dez. 2016.
- SOUSA, R. S.; GALIAZZI, M. C. Compreensões acerca da Hermenêutica na Análise Textual Discursiva: Marcas Teórico- Metodológicas à Investigação. **Revista Contexto & Educação**, Ijuí, v. 31, n. 100, set./dez. 2016.
- STRAUSS, A. L. **Qualitative analysis for social scientists**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- THOMASSON, A. **Categories**. The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Winter 2016 Edition), Edward N. Z. (Org.). 2016. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/archives/win2016/entries/categories/>>. Acesso em 02 fev. 2017.

Recebido em: 22 de agosto de 2017.

Aceito em: 11 de outubro de 2017.